

O museu que abriu suas portas e nos trouxe de volta

Andressa Lima

Ewerton Arison

João Léo Rodrigues

Airton Andrade

04

Sonho

Carl Sagan (2019), no livro “Pálido Ponto Azul”, ao escrever a dedicatória, diz: “Para Sam, outro errante. Que sua geração veja maravilhas jamais sonhadas”. Ao pensar sobre esta frase, de súbito vem à mente o ser professor, o ser professora. Para nós, professores/as são aqueles/as que realizam as ditas maravilhas jamais sonhadas, mas também aqueles/as que sonham. Como início de nosso relato referente ao segundo estágio curricular, escolhemos esse trecho escrito por um físico e biólogo, amante da vida e das estrelas, por representar o nosso grupo, que é composto por três estudantes das Ciências Biológicas e um da Física. O que sentimos, neste momento, é identificação e pertencimento.



Dedicatória do livro ‘Pálido Ponto Azul (2019)’, de Carl Sagan (Fonte: Andressa Lima da Silva/2021)

A caminhada em um curso de licenciatura é repleta de grandes experiências, reflexões, aprendizagens e discussões. É uma estrada longa e que, logo nos anos iniciais, nos coloca em contato com a prática e com um mundo pouco desbravado. Para muitos, a aventura começa nos estágios, onde expectativas geradas sobre o encontro escolar aparecem e questionamentos surgem com uma grande constância, principalmente sobre como vamos falar de ciências e se somos capazes de fazer tal feito. Mesmo com tantas questões, abrimos as portas e caminhamos em direção ao que estava por vir.

Depois de ter passado pelo Estágio Supervisionado de Formação de Professores I em um momento de pandemia, nos encontramos diante do Estágio Supervisionado de Formação de Professores II ainda imersos nas incertezas provocadas por uma realidade insegura e dolorosa. Deparamo-nos com um ensino remoto estabelecido, um curto período de aulas, distância dos amigos e da rotina, educação sob desmonte e ciência sob ataque. Além disso, em nosso grupo de estágio, quase todos eram estranhos uns aos outros, o que contribuiu para que as incertezas ficassem maiores. A pandemia, a constante falta de confiança, de investimento no ensino e na pesquisa e a ausência de contato com tudo que nos lembra o porquê de estarmos seguindo essa estrada foram cruéis, agiram como se o conhecido estivesse distante, como se nada fizesse mais sentido e o chão estivesse duro demais para pisar. Mas decidimos calçar sapatos mais confortáveis e seguir adiante.

Caminho

O caminho desse grupo de futuros físi-

cos e biólogos seguiu pelo desconhecido, com muitos momentos nos quais não sabíamos para onde ir ou o que fazer. Por sorte, no início, encontramos dois guias e logo percebemos o que os impulsionava e não os deixava perdidos: em um, o apreço pela ciência, pela formação de novos/as cientistas e professores/as, pela música e pelos sonhos; na outra, uma forma cativante de ensinar ciências a quem quer que seja, correndo pelas suas veias a certeza que a educação é para todos/as — é visível o seu cuidado com o que se dispõe a fazer. Esses guias se tornaram nosso orientador e nossa supervisora nesse trajeto trabalhoso. Nesse caminho, encontramos um espaço onde desejamos entrar e conhecer: o Museu de Ciências Morfológicas da UFRN, lugar que ensina, forma, faz ciência e devolve à sociedade o que produz. No passeio virtual, nos inspiramos com o espaço físico e com o trabalho que é feito no local, tão rico e cheio de oportunidades, que nos fez pensar sobre ciências, os lugares que ela ocupa e como chega às pessoas.

Cada ambiente do Museu é único, é um lugar que parece levar em consideração e fazer questão de cada pessoa que está presente. O espaço físico do Museu possui uma sala de exposição temporária e três salas expositivas fixas, mas a forma com que os/as monitores/as as apresentam podem ser mudadas, o que demonstra cuidado, acolhimento e preocupação com quem o visita. O Museu precisou se adaptar às limitações impostas pela pandemia da COVID-19 e migrou para o espaço virtual, utilizando plataformas e mídias sociais como uma forma de compartilhar conteúdos, ensinar ciências e executar projetos, o que tornou esse

lugar de extensão, ensino e pesquisa ocupante de muitos espaços, com o intuito de alcançar pessoas e popularizar a ciência tão bonita que fazem.

Graças ao “Museu virtual”, a nossa visita continuou. Ao conhecer as três salas que citamos anteriormente, pensamos sobre a possibilidade de intervir usando uma delas como espaço de inspiração e, ao refletir, escolhemos a Sala do Mar por ser um local inspirador e de pertencimento para alguns de nós, o que deixaria qualquer tarefa mais aconchegante e prazerosa. O sentimento de pertencimento e o desejo de desempenhar uma ação importante nos contagiou de uma forma mais intensa, já que um componente do nosso grupo outrora estava inserido como monitor no nosso campo de estágio e constantemente dividia seu trilhar com o Museu. Durante encontros, conversas e depois de muito pensar, nos inspiramos no que essa sala oferece e decidimos nos mover ao encontro da comunicação marinha, encorajados pelas peças expositivas presentes na Sala do Mar e também indagados pela forma com que esses animais se comunicam embaixo d’água. Ainda fomos impulsionados pelo próprio Museu, um lugar conectado às novas tecnologias, que valoriza a comunicação e a educação científica. Além disso, o tema passeava entre a Biologia e a Física, ideal para a composição de nosso grupo.

O conteúdo escolhido para a maior integração entre as licenciaturas de Física e Biologia foi o de ondas, e dentro desse tema escolhemos as ondas sonoras para explicar como as baleias e os golfinhos se comunicam. Com isso, partimos para a escrita dos nossos rotei-

ros, sempre juntos e com o cuidado para que o material não tratasse apenas sobre Biologia ou apenas sobre a Física, prezando sempre pela interdisciplinaridade. Um exemplo foi o primeiro vídeo publicado, intitulado “surfando nas ondas da comunicação” e postado no Instagram do Museu. Nele começamos explicando o que são as ondas, quais os tipos e como se propagam, logo depois tratamos sobre tópicos mais biológicos, como os órgãos necessários para que essa comunicação acontecesse e fosse efetiva no ambiente marinho.



Sala do Mar do Museu de Ciências Morfológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Fonte: Centro de Estudos e Monitoramento Ambiental/Museu de Ciências Morfológicas/2021).

Onde

Para comunicar um mar que tem tanto a dizer, escolhemos a “voz” de dois grupos dentre seus tantos integrantes: as baleias e os golfinhos. Fascinados pela forma com que esses animais se localizam e se comunicam em seu habitat natural, resolvemos apresentar um conteúdo didático para que mais pessoas pudessem conhecer e entender como a comunicação acontece embaixo d’água, processo que chega a parecer mágica, algo que pode ser distante para a realidade de muita gente.

Durante a elaboração desse conteúdo, recebemos uma inspiração de um dos nossos guias. Ele deu a ideia da nossa série de postagens se chamar Papo de Baleia, já que nós iríamos falar também sobre esses animais. Car-

regamos esse título conosco e a partir disso planejamos seis postagens, nos formatos de vídeo e post em card, onde discutimos a importância da comunicação, as ondas sonoras, como as baleias e os golfinhos se comunicam e onde encontramos esses animais no Rio Grande do Norte. Essas postagens tiveram o objetivo de aproximar ciência e sociedade e foram feitas com muito empenho pelo nosso grupo que tanto se envolveu com a comunicação embaixo d’água. Em algumas dessas postagens utilizamos o título Papo de Baleia com muito carinho, mas nomeamos o nosso projeto de “Como os animais marinhos se comunicam? Mergulhando no oceano da comunicação”.

Mais uma vez motivados pelo trabalho que havíamos conhecido, divulgamos o material através do *Instagram* do Museu de Ciências Morfológicas, onde falamos sobre a comunicação subaquática e mostramos sons de baleias e golfinhos. Escolhemos usar essa plataforma para que mais pessoas fossem alcançadas, para que o Museu tivesse um bom retorno e, principalmente, para que o conhecimento e a ciência ocupassem um lugar de maior visibilidade. Nesse projeto não fizemos nada sozinhos, nossos guias, a quem tanto demos as mãos e a quem devemos gratidão, permaneceram conosco durante toda a elaboração e todo o percurso, corrigindo, incentivando e apoiando.

Na continuidade desse caminho, recebemos muitos comentários bons daqueles que acompanharam nosso conteúdo, das pessoas que compõem a coordenação do Museu e dos novos seguidores. Esse *feedback* encheu nossos corações de encorajamento e felicidade. Com tantas dificuldades e distanciamento do

que parece ser real, sentimos como se o Museu tivesse nos trazido de volta para casa, como se nos tivesse lembrado ao lugar que pertencemos e tivesse colocado em nós uma lembrança de que é preciso continuar fazendo e resistindo muito para que o ensino de ciências continue aceso como uma vela na escuridão.

Isso nos faz refletir sobre “onde” e sobre “sonhos”. Nos perguntamos onde a ciência deve estar, onde o/a professor/a de ciências deve atuar e se seus sonhos devem estar presos em uma sala de aula formal. Sonhos não combinam com limitações e o espaço não-formal de ensino nos abriu portas e nos mostrou, junto com as redes sociais, que somos capazes de executar o que planejamos, ir além dos limites e alcançar o que não imaginávamos. Com isso, entendemos que sim, professor/a é aquele/a que sonha, realiza e ocupa. E a ciência também é. E é de todos.

Nessa trilha da formação de professores e professoras, aprendemos que é necessário estar em contato com o que nos lembra e com o que nos traz de volta. Com o Museu, que nos permitiu popularizar o acesso a muitas informações talvez antes pouco conhecidas, com o estágio e com nossos dois guias foi assim: uma experiência para lembrar. E hoje, dando mais um passo para nos tornarmos professores/as, se nos perguntarem qual lugar a nossa ciência vai ocupar, bem... Que ela ocupe todos e realize maravilhas jamais sonhadas.

Referência

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço**. Companhia das Letras, 2019.